



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Camponeses-ribeirinhos da Comunidade Poeira, em Ipixuna-AM: a agricultura familiar e a pesca como atividades de subsistência e renda

José Augusto Lopes de Andrade¹

Resumo

Este trabalho analisa a territorialidade camponesa dos(as) ribeirinhos(as) da comunidade Poeira, concernente ao modo de subsistência a partir da agricultura de várzea e da pesca, atividades de subsistência e renda, e os conflitos derivados da lógica do capital. O trabalho tem como objetivo caracterizar a territorialidade dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira, no rio Juruá, em Ipixuna (AM), conhecer as realidades, modos de vida, economia e renda a partir da agricultura de várzea e da pesca. O estudo parte do método Histórico-Crítico e Dialético e possui uma abordagem qualitativa. Constatou-se que o campesinato ribeirinho enquanto organização produtiva e socioespacial é o que proporciona o sustento e a geração de renda para os moradores da comunidade. Porém, as questões agrárias do modo de vida ribeirinho já sofrem a espoliação empregada pelo modo de produção capitalista

Palavras chave: Territorialidade; Camponês-ribeirinho; Agricultura de várzea; Pesca; Subsistência.

Peasant riverside dwellers of the Poeira Community, in Ipixuna-AM: family farming and fishing as subsistence and income activities.

Abstract

This work analyzes the peasant territoriality of the riverside dwellers of the Poeira community, concerning their subsistence mode based on floodplain agriculture and fishing, subsistence and income activities, and the conflicts arising from the logic of capital. The objective is to characterize the territoriality of the riverside peasants of the Poeira community, on the Juruá River, in Ipixuna (AM), to understand their realities, ways of life, economy, and income from floodplain agriculture and fishing. The study employs the Historical-Critical and Dialectical method and has a qualitative approach. It was found that the riverside peasantry, as a productive and socio-spatial organization, provides sustenance and income generation for the community's inhabitants. However, the agrarian issues of the riverside way of life already suffer from the exploitation employed by the capitalist mode of production.

Keywords: Territoriality; Riverine peasant; Floodplain agriculture; Fishing; Subsistence.

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, e-mail: augustoandrade843@gmail.com





Introdução

Este trabalho se propõe a analisar a territorialidade e a realidade de vida e subsistência dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira, localizada na margem direita do rio Juruá, a jusante do município de Ipixuna-AM, quanto a agricultura de várzea e a pesca, práticas agroextrativistas que dão subsídio aos hábitos de alimentação e renda desta população, que se dá a partir do consumo da própria produção e da comercialização do excedente da produção. Tais práticas são agropastoris, aquáticas e florestais e legitimam o modo de vida campesino do ribeirinho amazônicos, já influenciada pela lógica de monopolização e espoliação do capital (Cruz, 1999; 2007; Nascimento, 2016).

A comunidade Poeira, é uma vila de pescadores e agricultores do município de Ipixuna, que vive seu cotidiano conforme a dinâmica de cheia e vazante do rio Juruá, praticando a pesca e a agricultura de várzea, de acordo com a periodicidade e sazonalidade do regime de chuva e alimentação do volume hidrológico do rio. Deste modo, considerando a vida conforme a dinâmica de cheia e vazante dos rio, Fraxe (2000) salienta que os camponeses-ribeirinhos, além de agroextrativistas, são “homens anfíbios”, pois vivem no ambiente da terra e das águas, trabalham e obtém o seu sustento através do conhecimento da dinâmica e sazonalidade fluvial, conhecendo bem os ciclos da natureza. Deste modo, em determinadas temporalidades e sazonalidades os camponeses-ribeirinhos estão em condições de alagação e em outras de vazantes excepcionais, trabalhando a terra-água-floresta, obtendo o sustento em cada época do ano (Witkoski, 2006).

Em relação à distância da cidade de Ipixuna à comunidade Poeira, está à 16.527 m de distância via rio. A Figura 01 mostra uma imagem de satélite que permite ter melhor noção da distância entre Ipixuna e a Poeira, além de algumas curvas do rio Juruá.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Figura 01 – Trajeto de Ipixuna até a Poeira.



Fonte: Google Earth, 2023.

A figura possibilita ver a localidade dos camponês-ribeirinho, mediatizada pelo correr das águas que solapam as barrancas do rio Juruá.

Quanto a metodologia, para tecer as reflexões deste trabalho, utilizou-se do método Histórico-crítico e dialético, a partir de uma abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico, além disso, realizou-se ainda uma pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com a aplicação de formulários e a observação da realidade pesquisada, no intuito de tecer as reflexões e interpretar o modo de subsistência e renda dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira, bem como para compreender a comercialização de produtos, considerando a lógica de acumulação que só beneficia uma classe social, que não é a dos ribeirinhos, mas aquela detentora do capital.

O trabalho se justifica pela necessidade de conhecer mais a territorialidade dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira e do rio Juruá, seus modos de vida, as realidades e desafios de viver sob o regime de cheia e vazante das águas e prover sua subsistência a partir da pesca e da agricultura de várzea, bem como de uma prática comercial onde os mesmos são espoliados. Assim, o trabalho tem como objetivo caracterizar a territorialidade dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira, no



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

meandrante rio Juruá, em Ipixuna, conhecer as realidades, modos de vida, economia e renda a partir da agricultura de várzea e da pesca.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir do método Histórico-Crítico e Dialético. No tocante, Moraes e Costa (1984), Gomes (1996), Spósito (2004), explicam que este método usa da negação da neutralidade, posicionamento político do pesquisador; faz crítica ao sistema econômico e as desigualdades sociais; busca entender as causas, a estrutura, o processo, o movimento do objeto pesquisado; faz observação das contradições a partir do uso da dedução; estabelece relação entre espaço e tempo; e valoriza a relação homem-natureza.

O trabalho possui uma abordagem qualitativa, que conforme Lakatos e Marconi (2001), se preocupa com o caráter subjetivo da realidade que não dar pra ser quantificada. A pesquisa tem um caráter exploratório, visto que de acordo com Gil (1991) visa proporcionar maior familiaridade com o problema. Assim, este trabalho visa proporcionar maior clareza acerca da problemática da territorialidade camponesa-ribeirinha dos moradores das comunidades em questão, de modo a tornar evidente a realidade do modo de vida campesino a partir das práticas agroextrativistas e as lógicas da espoliação e do desenvolvimento desigual e combinado relativo a estes ribeirinhos.

Quanto aos procedimentos de pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos em Oliveira (1996; 2002; 2007); Fraxe (2000); Witkoski (2006); Fraxe, Witkoski e Pereira (2007); Cruz (1999; 2007) Neves (2020); Conceição (2017; 2020), entre outros. Também foi realizada uma pesquisa de campo na comunidade, por meio de entrevistas semiestruturadas (abertas e fechadas) por meio da aplicação de formulários com os trabalhadores camponeses, bem como a utilização da técnica da observação direta da realidade, com o foco de analisar a territorialidade camponesa da comunidade ribeirinha da Poeira, localizada à margem direita do rio Juruá no município de Ipixuna, sudoeste do estado do Amazonas. Enfatizou-se o trabalho desenvolvido pelo campesinato ribeirinho na terra/território e as questões agrárias e territoriais que orbitam em torno da espoliação pelo modo de produção capitalista.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Territorialidade do camponês-ribeirinho da poeira: modo de vida, trabalho e realidade às margens do rio Juruá

A territorialidade do camponês-ribeirinho da comunidade Poeira fica localizada a margem direita do rio Juruá. As casas dos moradores desta comunidade de agricultores e pescadores estão situadas em uma área de várzea, com deposição de sedimentos fluviais que formam praia, que os moradores aproveitam para plantar feijão, milho, jerimum, melancia, entre outros produtos neste solo aluvial, além de fazer a pesca na margem do rio. As medidas do perímetro que correspondem a comunidade são 4.237 metros. A Figura 02 mostra uma imagem de satélite da comunidade.

Figura 02 – Localização espacial da comunidade poeira



Fonte: Google Earth, 2023.

De acordo com Cruz (2007), a territorialidade camponesa nos rios da Amazônia, a exemplo do Juruá, ocorrem nas localidades de várzea dos rios, áreas que todo ano sofrem inundação, onde comunidades tradicionais, ao longo do processo de “desbravamento” e ocupação da região, em certo grau se adaptaram, desenvolveram técnicas de pesca e plantio, se estabeleceram e possuem um conhecimento empírico da dinâmica socioeconômica da vida nos rios.

Cruz (2007), Nascimento (2016) e Conceição (2017) salientam que a territorialidade campesina, a exemplo do camponês-ribeirinho do Solimões ou do Juruá, é um espaço definido e delimitado onde há uma organização social, familiar e de trabalho





ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

em prol do sustento das famílias e da manutenção e resistência da vida comunitária, além de busca de renda com a comercialização daquilo que produzem. No entanto, Cruz (1999; 1997) esclarece que na territorialidade camponesa amazônica já impera a monopolização do trabalho ribeirinho, a lógica do desenvolvimento desigual e combinado, proveniente do sistema capitalista. No tocante:

Para compreender os camponeses-ribeirinhos na várzea amazônica, parte-se do pressuposto de que é necessário observá-los no interior do desenvolvimento capitalista no campo, fundamentado no processo de monopolização do território, na qual o capital contraditoriamente monopoliza o território sem, contudo, territorializar-se. Isto significa que o capitalismo se expande de forma contraditória, ou seja, não expropria os camponeses, porém os transforma e efetua a metamorfose da renda da terra (Cruz, 2007, p. 2).

O território do campesinato na Amazônia é entendido a partir da terra-território, rio e a floresta, pois conceber a existência da natureza para essa classe social é promover a recriação social, sobretudo, da agricultura de várzea e o extrativismo pesqueiro nessas territorialidades tradicionais. Destarte, o modo de vida do campesinato possui uma dimensão do trabalho familiar realizado na terra/território/natureza por meio da agricultura familiar e do extrativismo, e pode ser definido como uma tipologia de trabalho e subsistência agroextrativista (Conceição, 2017; 2019).

A territorialidade camponesa nas várzeas dos rios amazônicos diz respeito a uma condição de vida e existência de sociedades ribeirinhas, que concebem sua subsistência e geração de renda familiar, por meio dos conhecimentos tradicionais do plantio, da colheita, da pesca e de outras atividades de um campesinato amazônico que vive e trabalha nas terras/territórios, nas águas e nas florestas, em meio a sazonalidade do regime de enchente e vazante dos rios (Cruz, 2007). Além disso, a territorialidade, envolve uma relação de pertencimento com o território, uma percepção e sentimento pelo lugar de vida. Essa prática agroextrativista desenvolvida por trabalhadores e trabalhadoras do campo nas margens do rio Juruá, na comunidade Poeira qualifica uma territorialidade onde a vida e o trabalho são agroextrativistas, agroecológicos e diversificados, no que tange a produção que atendem o sustento familiar e abastece os mercados locais.

No que tange a conceituação sobre campesinato ou modo de vida camponês é importante fazer um adendo, deste modo, Marques (2008) explica que esta é uma classe social e não apenas um setor da economia, pois possuem uma forma de organização da





ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

produção e um modo de vida próprio, articulado ao espaço geográfico, a natureza, com a sua produção no campo. Segundo Shanin (1980), o campesinato é, ao mesmo tempo, uma classe social e um “mundo diferente”, que apresenta padrões de relações sociais distintos – ou seja, o que também podemos denominar de modo de vida. Queiroz (1976) observa que, economicamente, buscar-se definir o camponês como aquele que se propõe a plantar para consumir, porém, não excluindo a possibilidade de vender o excedente e, sociologicamente, como uma camada subordinada (política, econômica e social) de uma sociedade global.

E ainda, para caracterizar o trabalho camponês, Oliveira (1996) enumera alguns elementos que formam a produção camponesa: força de trabalho familiar, parceria com outros camponeses, o trabalho acessório, trabalhadores temporários, socialização do camponês, propriedade da terra, propriedade dos meios de produção e, ainda, a flexibilidade da jornada de trabalho.

Quanto ao entendimento do ser ribeirinho Costa (2002) argumenta que estes grupos sociais vivem conforme o banzeiro do rio, trabalhando e vivendo, buscando a sua subsistência, trabalhando de verão a inverno no cultivo do solo e andando pelas águas em busca do pescado. Nos dizeres de Cardoso (2010), as comunidades ribeirinhas são singulares e possuem no seu espaço geográfico, a segurança de existência, sobrevivência, manutenção e reprodução da vida, pois em sua territorialidade conseguem o alimento, construir suas moradias e obter renda com a venda do que produzem. Os camponeses-ribeirinhos em questão conseguem o sustento, no entanto obter renda de forma satisfatória e condizente com o suor do trabalho, isto é difícil.

Ribeirinho é uma conceituação dada para as populações humanas que vivem as margens de cursos d’água e envolve uma questão de identidade dos indivíduos com essa terminologia (PINTO, 2010). Cruz (1999) designa o ribeirinho como camponês morador das várzeas e barrancas dos rios amazônicos. Castro (1997) define o homem ribeirinho como aquele que tem estrita relação com a dinâmica da vida nos rios, lagos e igarapés, sobrevivendo nestas localidades em interação com a floresta, solo e água.

E, ao buscar compreender a realidade, desafios e modos de vida dos ribeirinhos, na interações homem-natureza, Fraxe, Witkoski e Pereira (2007, p. 15) ressaltam que



“[...] as inundações periódicas fazem da várzea um ambiente anfíbio”. E seguem dizendo que:

Durante um período do ano (4 a 5 meses), a maior porção dessa planície está submersa e faz parte do ambiente aquático; em outro período, participa do ambiente terrestre. A falta de sincronização entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas) faz com que existam quatro “estações climáticas” no ecossistema de várzea, que regulam o calendário agrícola: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas). Nesse ambiente, constantemente submetido a fortes estresses, a biota e o homem amazônico desenvolveram os mais variados comportamentos adaptativos.

Esta dinâmica antrópica em meio as condições hostis do ecossistema amazônico são próprias do ser ribeirinho do meandrante Juruá, especificamente da comunidade Poeira, assim como em outros recantos amazônicos. Conforme os camponeses-ribeirinhos Edivam Lima e Francisco Carlos, os mesmos estão acostumados a viverem a enchente, a cheia, a vazante e a seca, já estão imbuídos nas periodicidades e dinâmicas da natureza e sabem como conseguir alimento e recursos em cada uma das fases do ciclo hidrológico do rio Juruá. Inclusive os camponeses ribeirinhos da comunidade Poeira aproveitam cada temporalidade, pois durante a cheia, cota fluviométrica máxima anual dos rios, igarapés, lagos, furos, é o período que fica mais favorável a pesca, a caça, a extração de frutos, como o açaí, bacaba, buriti, entre outras, pois os diversos territórios de pesca, caça, extração ficam conectados pelas águas, sendo possível a captura de vários animais, bem como a extração.

Já no período da vazante, as técnicas são as de plantio e colheita na várzea. Fraxe, Witkoski e Pereira (2007) explicam que é uma cultura das populações ribeirinha cultivar nos solos aluvionares amazônicos, compostos por grandes cargas de sedimentos orgânicos e inorgânicos transportados e depositados pelas águas da cheia. Esses materiais são os húmus que fertilizam a terra, deixando favorável para o plantio do feijão, milho, melancia, jerimum, macaxeira, entre outros produtos do plantio dos ribeirinhos. Os autores vêm destacar que esta técnica de plantio vem ser uma atividade econômica e de subsistência para os ribeirinhos. E os ribeirinhos da Poeira, além da produção com finalidade de subsistência, comercializam ou trocam o excedente por estivas ou dinheiro para comprar outros produtos que necessitam.

Representações da agricultura de várzea do camponês-ribeirinho da poeira



A agricultura de várzea é a forma que o camponês-ribeirinho desenvolveu para conduzir a sua existência e subsistência nas localidades menos tecnificada dos rios amazônicos, a exemplo do Juruá, onde, por muito tempo não existiu áreas de mercado próximo, para comprar alimento, assim, estes habitantes de várzea tiveram e ainda têm que produzir o próprio alimento, seus próprios recursos e é por meio da agricultura e do extrativismo que obtém o que precisam para prover as necessidades alimentares. Deste modo, Oliveira (1996) explica que a agricultura camponesa no Brasil é a base da sobrevivência de comunidades tradicionais e que é a partir da cultura de plantio de verduras, legumes e frutas que os camponeses conseguem manter a sua alimentação e nutrição, além disso, argumenta que na Amazônia a agricultura de várzea é herança de povos indígenas.

Na comunidade ribeirinha Poeira, os camponeses plantam conforme a sazonalidade do rio, durante o inverno no hemisfério Sul, quando o Juruá está na vazante, vegetais como mandioca, arroz, feijão, milho, jerimum, inhame e melancia na várzea. Conforme os moradores, estes são os principais produtos que eles plantam na várzea, além das verduras nos canteiros no quintal de casa como pimenta, chicória, cebola, coentro, para o tempero dos pratos da culinária ribeirinha, compostas em sua maioria pelo pescado.

Conforme relatos do morador Edivam Lima, a prática da agricultura de várzea na comunidade obedece ao ciclo da cheia e da seca do Juruá. Deste modo, o mesmo explica que o plantio ocorre a partir de meados de junho – mês que inicia o solstício de inverno no dia 21 – que é quando a água do rio baixa e os camponeses-agricultores começam a semear as mudas e sementes do ciclo passado. Já nos meses de setembro e outubro, quando já se começa a ter uma elevação nos níveis de água do Juruá, devido a maior concentração de chuvas prolongadas – anunciando o solstício de verão no hemisfério Sul, nos dias 20 ou 21 de dezembro – os moradores já começam a colheita e a realizarem o processo de produção (processamento) da farinha de mandioca; produção de alimentos derivados do milho como milho cozido, pamonha, canjica; beneficiamento do arroz, do feijão; além de outras coisas. A figura 03 mostra o trabalho de cultivo e limpeza do solo do camponês-ribeirinho Isaque Feitosa na territorialidade onde vive, na Poeira.



Figura 03 – Limpeza do solo nas plantações de feijão e milho.



Imagem do autor em 15/09/2023.

O camponês-ribeirinho Isaque Feitosa explica que todo plantio e colheita é feito de forma parceira e amiga entre as outras famílias da comunidade e que o principal produto cultivado é a mandioca para a produção da farinha, que é utilizada em diversos pratos da culinária local para consumir o peixe. Corroborando com a fala do camponês, Freitas e Farias (2011) e Reis (2018) destacam que no modo de vida campesino das comunidades ribeirinhas, bem como de outras comunidades da Amazônia o cultivo da mandioca se faz, em sua grande maioria, em pequenas propriedades privadas familiares e rurais, onde as famílias plantam o seu roçado, cultivam a terra, colhem e fazem o processo de beneficiamento e produção da farinha, a partir da parceria e ajuda mútua entre famílias, em todas as fases do processo.

Além disso, Freitas e Farias (2011) e Reis (2018) seguem explicando que no processo de produção da farinha, no modo de vida campesino, o camponês que possui a casa de farinha cede para aquele que não tem, enquanto este traz a matéria-prima e, ao final do processo, ambos repartem o resultado do trabalho. Deve destacar, conforme relatos da dona Laura, moradora antiga da Poeira, que as mulheres tem um papel significativo em toda produção da farinha, desde o cultivo da terra até o beneficiamento



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

e torragem da farinha, trabalhando e ajudando seus maridos e filhos e que a casa de farinha é mais que um ambiente de trabalho, é um local de socialização e vivência. A figura 04 mostra uma das três casas de farinha da comunidade.

Figura 04 – Casa de farinha dos moradores da comunidade Poeira.



Imagem do autor em 15/09/2023.

Freitas e Farias (2011) e Reis (2018) explicam que a produção da farinha tem uma importância grandiosa para os camponeses, pois garante alimento, saciedade e renda, para que os camponeses-ribeirinho consigam comprar aquilo que eles não produzem. E neste processo a casa de farinha é o local em que a mandioca é transformada em bolinhas crocantes e, a partir destas, o camponês enxerga a possibilidade de obter renda e do próprio abastecimento familiar.

Edivam Lima relatou que além do plantio para alimentação eles também buscam vender o milho, melancia, mandioca, farinha, arroz, feijão na feira municipal de Ipixuna ou para comerciantes de Cruzeiro do Sul-AC e, assim, conseguir alguma renda com a venda dos produtos, fruto do trabalho de cada família da comunidade. No entanto, a grande dificuldade é vender estes produtos aos feirantes por um preço em conta e que lhes permita algum lucro e assim prover as necessidades da família. Os moradores relatam que a grande desmotivação em continuar produzindo e trabalhando de verão a verão, debaixo do sol, é oriunda da desvalorização do seu trabalho na hora de vender os produtos, pela alegação por parte de feirantes e comerciantes que dizem que se o produto for caro não compensa, pois eles não iram obter lucro.



2025

ISBN: XXXX-XXXX DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Deste modo, conforme Isaque Feitosa e Edivam Lima, moradores da Poeira, se não for favorável aos comerciantes, eles não compram e, assim, todo o esforço de plantar, colher e escoar o produto para Ipixuna, é apenas para manter a condição socioeconômica, subsistencial, comprar alguns produtos necessários na cidade e se preparar para a labuta do próximo ciclo de plantio. Na realidade, o que muitos camponeses-ribeirinhos da comunidade em questão relataram é que todo o esforço e trabalho só servem para os comerciantes lucrarem mais, pois enquanto uma saca de farinha de 70 Kg é vendida pelo camponês por R\$180 ou R\$200 reais aos comerciantes de Ipixuna e de Cruzeiro do Sul revendem um saco da farinha de 01 Kg a R\$10,00 ou R\$15 e faturam de R\$700 ou R\$1050, respectivamente. É uma disparidade de valores enorme. O camponês-ribeirinho trabalha e quem logra êxito com o lucro é o atravessador e/ou comerciante que revende nos centros comerciais.

Deste modo, a territorialidade camponesa nas comunidades ribeirinhas dos rios amazônicos, a exemplo da Poeira no rio Juruá, diferentemente dos tempos de outrora que a produção era apenas para o consumo, na atualidade este espaço de vida camponês-ribeirinho já está monopolizada pela égide do capitalismo, pela lógica do desenvolvimento desigual, onde o empresário comerciante espoliam o trabalho do camponês e lucra com a venda do produto (Cruz, 2007; Neves, 2020).

Diante desta realidade de um modo de vida cheio de adversidades e exploração, o camponês-ribeirinho não deve ser visto apenas como simplório camponês de baixa classicidade, produtor de sua própria subsistência de forma penosa, mas sim como aquele que possui relação direta com a terra, com a floresta, com o rio, pois tem uma relação direta com o ecossistema de várzea e uma sabedoria acerca da natureza muito grande, (Witkoski, 2006).

Verifica-se que os camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira, bem como de outras do Juruá, sustentam uma conexão cultural agrícola muito significativa, pois tem o sustento a base dos vegetais que cultivam, como a mandioca, milho, arroz, feijão, melancia e outros. De acordo com Fraxe (2000) e Cruz (1999; 2007) essa cultura de plantio de várzea é herança passada de pai para filho, ao longo de gerações de vida nas barrancas dos rios amazônicos, produzindo as vezes em pequenas escalas e as vezes em maiores para conseguir alguma renda.





ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Contudo, as negociações com os comerciantes para a obtenção de algum lucro são muito difíceis, como já dito, pois os comerciantes que compram o produto do camponês-ribeirinho não estão preocupados com a condição de vida, o valor do trabalho e da mercadoria do ribeirinho, mas pensam apenas em lucrar à custa do trabalho do camponês. Assim, estabelecem valores bem inferiores do que realmente vale a produção dos ribeirinhos. E, por isso, o morador Edivam Lima salienta que muitas vezes nem compensa o esforço em produzir para vender, pois dificilmente conseguem um valor justo pelo produto e pelo trabalho de cultivar qualquer legume ou tubérculo que seja.

De acordo com Cruz (2007), esta é uma realidade de espoliação do capital, pautada no desenvolvimento desigual e combinado capitaneado pela égide do capitalismo, já presente no contexto Amazônico, onde o que acontece é uma exploração do trabalho do camponês e lucros vultosos para o comerciante.

Caracterização do extrativismo pesqueiro dos camponeses-ribeirinhos da comunidade poeira

Na territorialidade dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira a pesca é uma atividade que ocorre durante o ano todo, na cheia e na vazante, como forma de adquirir o rancho das famílias, subsidiar o sustento da população, por meio da comercialização do pescado na Feira Municipal de Ipixuna e com comerciantes acreanos.

Conforme salienta Veríssimo (1970), Cruz (1999, 2007) e Nascimento (2016), a piscosidade dos lagos e rios amazônicos fornecem o pescado para a alimentação dos camponeses-ribeirinhos o ano todo, e o peixe é a principal proteína consumida por esta sociedade.

Conforme relatos dos pescadores da comunidade, o tipo de pesca e variedade de espécies mudam conforme a época do ano, de acordo com a sazonalidade dos níveis hídricos do Juruá, durante os meses de cheia e vazante. Veríssimo (1970) e Pereira (2021) explicam que as variações do tipo de pesca e das espécies mudam pois há a migração dos cardumes de peixe durante a inundação e vazão dos rios amazônicos. Durante a cheia, os lagos e rios estão conectados pelas águas e o peixe se concentra em localidades específicas, favorecendo um tipo de pesca, geralmente com redes de pesca. Já na vazante,





2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

outro tipo pesca se faz necessário para capturar as espécies que passam no rio, onde os pescadores pescam com tarrafa², espinhel³, ricuca⁴, arrastão⁵.

Conforme o pescador Francisco Carlos, conhecedor das dinâmicas da pesca da comunidade Poeira e no rio Juruá, explica que durante a cheia, que ocorre nos meses de dezembro a maio, quando o rio, os furos, igarapés, lagos e paranãs estão conectados pelas águas, a pesca ocorre nos lagos da pesqueira, paranã da pesqueira e no lago da cobra – nome dado aos lagos situados no município de Ipixuna -, por onde o peixe passa pelo pé-da-terra (o Igapó). Estas são as localidades onde os pescadores armam suas redes de pesca na expectativa e esperança de conseguir capturar os peixes e levar rancho para casa, durante a temporalidade da cheia.

O pescador Francisco Carlos explica que neste tipo de pesca os pescadores, durante o inverno, nos meses secos, fazem os caminhos, limpão o lanço, que é uma trilha de pesca utilizada para armar as redes durante a inundação n verão. Deste modo, quando está alagado os pescadores saem de casa às 4:00 h para os seus locais de pesca e retornam no fim de tarde.

Francisco Carlos explica que os procedimentos deste tipo de pescaria consistem em: “armar as redes nos galhos das árvores do igapó, nos lanços de pesca e deixar lá, depois de algum tempo, mais ou menos 1 hora e meia de espera, os pescadores vão pegar o peixe preso nas redes”. Nesta atividade os pescadores permanecem o dia todo e, quando a pescaria é boa, trazem dois ou três caixas de isopor (que conserva o pescado em baixa temperatura) de 80 ou 100 litros cheios de peixe das espécies já citadas. Nesta atividade, permanecem durante todo o período de alagação.

Durante este período, de acordo com os pescadores da comunidade Poeira, os homens saem praticamente todos os dias em busca do peixe, para proverem a sua subsistência, estocando o pescado em seus freezers e comercializando com os

² “Tarrafa” é um tipo de rede de pesca circular e cônica, guarnecida com pesos na borda e geralmente arremessada com as mãos. O objetivo é abrir a rede na água para capturar os peixes, que são então presos quando a rede é puxada de volta.

³ “Espinhel” é um aparelho de pesca com uma linha principal (madre) da qual partem várias linhas secundárias (alças) com anzóis, usadas para capturar peixes.

⁴ “Ricuca” é um tipo de pesca de praia, comum no Acre, onde se utiliza uma rede para puxar o peixe em direção à costa.

⁵ “Arrastão” na pescaria pode se referir a um **barco de pesca (arrastão)** ou a um **método de pesca (arrasto)** que utiliza redes em formato de saco rebocadas pela água.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

comerciantes da Feira Municipal de Ipixuna e também com os donos de embarcações que levam sob encomenda para feirantes de Cruzeiro do Sul. Na verdade, conforme explica o pescador Francisco Carlos:

Os comerciantes e feirantes acreanos são os que mais lucra, pois exploram os pescadores comprando barato e vendem as espécies mais nobres bem caro para as pessoas abastadas do Acre, e ainda, como essas negociações entre pescadores e os comerciantes do Acre é feita na informalidade, muitas vezes, estes nem pagam o valor que o pescador cobra.

De acordo com Cruz (2007) a monopolização do trabalho de extrativismo pesqueiro por parte dos comerciantes sobre os camponeses ribeirinhos é uma realidade de exploração de vidas, espoliação dos lucros e do território sofrida pelos camponeses-ribeirinhos do Amazonas, pois na realidade estes já vem sofrendo com a espoliação do capital orquestrada a partir da lógica mercadológica do capital há algumas décadas, e isso faz com que esta classe social venha a enfrentar formas de resistência e (re)existência em sua territorialidade.

Já no período do inverno, de junho a setembro, meses em que o Juruá está enfrentando a vazante e a seca, os camponeses-ribeirinhos da Poeira praticam outro tipo de pesca, que são as de arrasto, do lança da tarrafa e a pesca com a ricuca. Desses tipos de pesca as mais comuns são: o lance de tarrafa; e a pesca com ricuca, um tipo de rede de pesca, onde os pescadores arrastam para a praia e pegam o peixe que ficam presos nas malhas. A figura 05, mostra uma prática de pesca com lança de tarrafa de um grupo de pescadores.

Figura 05 – Puxando a tarrafa cheia de sardinha das águas brancas do Juruá.



Imagem do autor em 15/09/2023.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

A figura 05 mostra a realidade do extrativismo pesqueira praticada pelo lanço de tarrafa no rio Juruá por moradores da comunidade Poeira no período de vazante. Na ocasião deste campo, o tarrafeado Antônio da Silva relatou que: “A pesca está cada vez mais difícil, pois a única espécie que conseguimos pescar foi a sardinha”. Ele disse ainda que: “se quiser pegar peixe tem que ir para bem longe, para os lagos distantes que alguns vão, só pra dificultar a vida do ribeirinho, pois acabam com o peixe e poluem tudo”. E concluiu dizendo que: “ser pescador ribeirinho não é fácil, pois além de ser uma vida sofrida, os feirantes da cidade só faltam tirar o coró quando eles vão oferecer algum pescado”. A Figura 06 mostra a canoa com algumas poucas sardinhas que o senhor Antônio Silva e seus outros parceiros conseguiram pescar.

Figura 06 – A canoa com pouca fartura nos meses de vazante do Juruá.



Imagem do autor em 15/09/2023.

A canoa com poucos peixes é uma realidade enfrentada pelos pescadores, pois nem toda pescaria é farta, sobretudo quando a intensidade da pesca e os métodos de captura são cada vez mais predatórios (Cruz, 2007).

Moraes (2001) salienta que nos rios da planície amazônica a labuta da pescaria é o que legitima a vida, o trabalho, o modo de vida do camponês-ribeirinho, pois estes pescam o ano todo, na vazante ou na cheia, com espinhel, tarrafa ou rede de pesca espécies como filhote, piraíba, matrinchã, pacú, e diversas outras, para prover o rancho, bem como para a comercialização do pescado nas feiras municipais e em outras cidades da região. Pereira (2021) explica que as diversas técnicas de pesca, seja da armação de rede, do



ISBN: XXXX-XXXX DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

lanço de tarrafa e arpão, de arrasto, são técnicas de trabalho do extrativismo pesqueiro utilizadas pelo ribeirinho para obter o rancho, são aperfeiçoadas e passadas de pai para filho. Deste modo, é por meio desta expertise, as técnicas de pesca, que os camponeses-ribeirinhos da Poeira colocam comida na mesa, conseguem ter dignidade e vencer a hostilidade do ecossistema amazônico, bem como a lógica espoliadora do capital.

Contudo, os pescadores relataram que a cada ano está mais difícil de conseguir a subsistência e renda com o pescado, devido ao desmatamento, a poluição dos rios, e, principalmente, o aumento da população, pois vem muito mais pescadores de Ipixuna e de outras cidades, do que mesmo os ribeirinhos. Além disso, os ribeirinhos da Poeira relataram que quase ninguém respeita o período do defeso, quando o peixe está se reproduzindo e os pequenos estão se desenvolvendo, relatando que dificilmente os órgãos de fiscalização ambiental aplicam sanções.

Deste modo, eles enfrentam uma forma de re-existências em suas territorialidades, pois a cada ano o custo de vida é mais influenciado pela espoliação do capital e pela lógica perversa do capitalismo, que imprime novas forma de existência, consumismo e elevação dos preços que dificultam a vida para os mesmos.

Contudo, é importante destacar, como aponta Paulino (2006) e Cruz (2007) que o processo de monopolização do território camponês-ribeirinho pelo capital está cada vez mais opressor e ocorre de forma hegemônica no interior das comunidades rurais das unidades camponesas, na várzea amazônica. Além disso, é na combinação de diferentes atividades da diversificação da produção que se definem os níveis da drenagem da renda do trabalho dos camponeses, pela regência do capital. Por isso, é muito importante que os camponeses juntem forças, tenham união e mantenham a diversidade da produção nas suas territorialidades, pois somente, assim, é possível evitar que se tornem vulneráveis perante a lógica perversa do capital.

Considerações finais

Com a realização deste trabalho, desde as observações preliminares, trabalho de campo e realização das entrevistas, foi possível verificar que a realidade de vida camponesa-ribeirinha no meandrante rio Juruá é caracterizada por uma realidade de subsistência a partir da agricultura e da pesca, onde os mesmos por meio da interação e



ISBN: XXXX-XXXX DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

intimidade com o ecossistema de várzea, conseguem obter o sustento necessário todos os dias e continuarem existindo nesta territorialidade, mas vale ressaltar que sem sempre o conseguem, visto as adversidades e reverses da sazonalidade do ecossistema amazônico. Percebe-se que a condição de produção e (re)produção espacial campesina dos ribeirinhos do Juruá é árdua, pois trabalhar a cada ciclo hidrológico do rio não é simples, requer resistência, esperança e fé, para continuar vencendo as adversidades do meio ambiente, das condições físicas do ecossistema amazônico, muito bonito, porém hostil.

Verificou-se que as relações de trocas comerciais de produtos por dinheiro são quase sempre injustas, onde os camponeses-ribeirinhos da comunidade Poeira no momento das negociações com o atravessador e comerciante são quase sempre espoliados em sua força de trabalho e em sua produção. Na realidade, a monopolização do trabalho e do capital no modo de vida campesino no Juruá já é uma realidade, porém, esta prática de esbulho vem sendo escamoteada pelos falsos discursos do comerciante que diz que se o camponês cobrar caro na saca de farinha ou no quilo do peixe não compensará a revenda, pois não irão ter lucro. Contudo, com esse discurso, os comerciantes e atravessadores de Ipixuna-AM e de Cruzeiro do Sul-AC, preterem o camponês-ribeirinho e continuam a lograr êxito vendendo caro do mesmo jeito, lucrando quase R\$800 em uma saca de farinha vendendo a granel, a mesma que o camponês vendeu de R\$200.

Na realidade, o que deveria existir em meio a esta realidade difícil e contraditória dos camponeses-ribeirinhos de Ipixuna era mais apoio e incentivo por parte do poder executivo, na promoção do escoamento da produção das comunidades rurais para o espaço urbano. O que precisa ser feito é modificar as condições materiais de produção, por exemplo, a partir de uma reformulação no modelo comercial, superar a necessidade das negociações com o atravessador, promovendo uma parceria com a prefeitura, e, assim, auxiliar no escoamento da produção ou a cooperação dos ribeirinhos, procurando soluções técnicas e logísticas.

No tocante, a realidade de vida para o camponês-ribeirinho é penosa e precária, pois além de cultivar o solo e de pescar no rio Juruá, nestes recantos da Amazônia profunda não ser tarefa fácil a lógica perversa do capital, além de lhes roubar o lucro do trabalho, a força de trabalho, vitalidade, rouba também a saúde.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Referências

CARDOSO, Ricardo de Jesus. **A geograficidade dos habitantes do rio Cuieiras: percepções de um mundo vivido**. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTO, F. **Faces do Trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejuo: UFPA-NAEA, 1997.

CONCEIÇÃO, F. S. **A territorialização do capital e a expansão do agronegócio sojeiro: lutas e (re)existências dos camponeses/camponesas das comunidades Nova Esperança e Nova Aliança no município de Belterra/Pará**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PPGG/Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho-RO, 2017. 225 f.

CONCEIÇÃO, F.S.; RIBEIRO, A.F.A.; SILVA, R.G.C. **(Des)encontros entre a estrada e o rio: o caso da Gleba da Bota no oeste da Amazônia paraense**. Revista GeoNordeste. São Cristóvão, ano 30, n. 1, p. 06-25, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/7518>. Acesso em 15 de junho 2023.

COSTA, Josué da Silva; **Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Rondônia: Ed. Unir, 2002. 216p.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Caboclos-ribeirinhos da Amazônia: um estudo da produção camponesa no município de Careiro da Várzea-AM**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1999.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens Anfíbios: uma etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume, 2000.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antonio Carlos; PEREIRA, Henrique dos Santos (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. – Manaus: EDUA, 2007.

FREITAS, César Gomes de; FARIAS, Cleilton Sampaio de. A Produção Camponesa de Farinha de Mandioca na Amazônia Sul Ocidental. **B.goiano.geogr.** Goiânia, v. 31, n. 2, p. 29-42, jul./dez. 2011.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**. São Paulo, v. 11, n. 12, p. 57-67, 2008.



2025

ISBN: XXXX-XXXX

DOI: 10xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

MORAES, Raymundo. **Na planície Amazônica**. 8ª ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORAES, A. C. R. de; COSTA, W. M. da. **Geografia Crítica: A valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.

NASCIMENTO, Dilson Gomes. **Entre a terra e a água: modo de vida camponês no médio rio Amazonas, Parintins-AM**. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

NEVES, Jonathas Laborda. **A Produção Da Natureza Sob A Perspectiva Do Modo De Vida Camponês Na Vila Do Jacaré – Manacapuru – Amazonas – Brasil**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus 2020.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma Geografia dos Camponeses**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PEREIRA, Francisca Maria Rodrigues. **Entre rios e lagos: a pesca do lanço e suas territorialidades, Manacapuru-AM**. 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus 2021.

PINTO, Ilea Maria de Jesus. **A (re) significação do lugar: comunidades ribeirinhas na cidade de Manaus-AM**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em geografia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

REIS, Denner Vieira. **Produção de Farinha de Mandioca na Comunidade de Pedras-Am**. 2018. 44 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

SHANIN, Theodor. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações**. Estudos CEBRAP, nº. 26, editora Vozes, 1980.

SPOSITO, Eliseu S. **Geografia e Filosofia**. São Paulo: Editora Unesp, 2004

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, floresta e água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: Edua, 2006.